# A RELAÇÃO ENTRE PERIÓDICOS E A HISTÓRIA DA LITERATURA: A PROSA DE FICÇÃO DE AUTORIA PORTUGUESA NA *PROVÍNCIA DO PARÁ* EM FOCO

## *THE RELATIONSHIP BETWEEN THE JOURNAL AND THE HISTORY OF THE LITERARY: THE PROSE FICTION BY PORTUGUESE AUTHORS* IN THE PROVINCE OF PARÁ *IN FOCUS*

**Germana Maria Araújo Sales**[1]

**Alan Victor Flor da Silva**[2]

**RESUMO:** Objetivamos, com este trabalho, analisar a relação existente entre a circulação de prosa de ficção produzida por autores lusitanos no jornal *A Província do Pará* (1876-1900) e a presença desses escritores nos compêndios de história da literatura portuguesa, com o intuito de estabelecermos uma relação entre esses ficcionistas, o jornal, a leitura e as histórias literárias.

**Palavras–chave:** prosa de ficção portuguesa; periódicos belenenses oitocentistas; história da leitura; história da literatura brasileira e portuguesa.

**ABSTRACT:** The purpose of this work is to analyse the relationship between the prose fiction circulation produced by Lusitanian authors in the journal *A Província do Pará [The Pará Province]* (1876-1900) and the presence of these writers in the books of history of the Portuguese literature, in order to establish a relationship between these fiction writers, the newspaper, the reading and the literary stories.

**Keywords:** Portuguese prose fiction; periodic of Belém in the nineteenth century; history of reading; history of Brazilian and Portuguese literature.

## PARA INÍCIO DE CONVERSA...

Georges Ohnet (1848-1918), Xavier de Montépin (1823-1902), Paul Féval (1816-1887), Ponson du Terrail (1829-1871), Manuel Fernández y González (1821-1888), Ortega y Frias (1825-1883) e Enrique Perez Escrich (1829-1897), entre tantos outros

1 Graduada em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1989), Mestre em Letras: Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (1997) e Doutora em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Atualmente, é professora Associado II da Faculdade de Letras (FALE), do Instituto de Letras e Comunicação (ILC), da Universidade do Federal do Pará, com atividade docente na Graduação e Pós-Graduação. Endereço eletrônico: gmaa.sales@gmail.com

2 Graduado em Licenciatura Plena em Letras (Língua Portuguesa) (2010) e Mestre em Letras: Teoria literária (2012) pela Universidade Federal do Pará. Atualmente, é aluno de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Pará e bolsista CAPES. Endereço eletrônico: alan.flor@hotmail.com

exemplos, podem até não serem conhecidos pelos leitores deste período, mas foram escritores estrangeiros — franceses e espanhóis — que caíram no gosto dos brasileiros no século XIX, momento em que no país autores motivados por um sentimento de nacionalidade ou por um espírito nacionalista estavam discutindo a formação de uma literatura legitimamente brasileira. Em meio a esse debate efervescente, convém ressaltarmos que esses escritores acreditavam que a literatura da ex-colônia deveria ser distinta daquela que era produzida pela antiga metrópole.

No entanto, foram autores estrangeiros, logo a partir da década de vinte do século XIX, os primeiros a sentir a importância de distinguir da portuguesa a literatura produzida por brasileiros. Almeida Garrett, por exemplo, embora trace um panorama da evolução da produção literária lusitana, insere nesse quadro evolutivo os escritores brasileiros e ainda formula a ideia de que eles deveriam escrever seguindo as sugestões da terra e trocando a mitologia pela realidade local (GARRETT, 1826). Ferdinand Denis, por sua vez, julga que os autores da ex-colônia deveriam desenvolver em suas obras os aspectos nacionais para que a literatura brasileira realmente se constituísse (DENIS, 1968).

Além de estrangeiros, autores brasileiros também se manifestaram a respeito dessa questão. Apenas a título de ilustração, José de Alencar, no prefácio de *Sonhos d'ouro*, antecipa-se às acusações de que possivelmente será vítima com o lançamento desse romance. Um dos defeitos que o romancista acredita que poderia ser atribuído ao seu livro decorre do fato de ele estar "um tanto desbotado do matiz brasileiro, sem aquele picante sabor da terra: provém isso de uma completa ilusão dos críticos a respeito da literatura nacional" (ALENCAR, 2003, p. 14).

Percebemos, portanto, que, desde a fundação da história da literatura brasileira, escritores nacionais e estrangeiros empenharam-se em fundamentá-la a partir de aspectos nacionais com o intuito de singularizá-la e distingui-la da portuguesa. Quando, porém, observamos os jornais que circularam pelo país durante o século XIX, percebemos uma presença significativa de prosa de ficção cuja autoria é atribuída a escritores lusitanos.

A relação entre periódicos e cânone literário apresenta uma relação muito tênue, pois pesquisas envolvendo jornais, por exemplo, revelam que os autores mencionados nos compêndios de história da literatura brasileira nem sempre são os mesmos que ocuparam as páginas de diversas folhas periódicas que circularam por todos os cantos do Brasil no século XIX.[3] Nesse sentido, ficcionistas estrangeiros que hoje são completamente desconhecidos dos leitores contemporâneos foram verdadeiros *best-sellers* no Oitocentos. Em contrapartida, escritores brasileiros que não chegaram ao alcance do grande público nesse mesmo período desfrutam atualmente de um estatuto canônico.

Nesse sentido, objetivamos, com este trabalho, analisar a presença de prosa de ficção produzida por autores portugueses nas páginas do jornal *A Província do Pará*

3 Sobre a circulação de folhetins em jornais do Mato Grosso, deve-se conferir o trabalho de Yasmin Nadaf (2002); a respeito da presença de romances-folhetins na imprensa periódica do Rio Grande do Sul, convém checar o estudo produzido por Antonio Hohlfeldt (2003); em relação à publicação de prosa de ficção em periódicos belenenses oitocentistas, é válido consultar o artigo desenvolvido por Germana Sales (2007); no que se refere à divulgação de folhetins paraibanos no século XIX, é necessário verificar o trabalho realizado em conjunto por Girlene Marques Formiga, Fabiana Sena da Silva e Socorro Pacífico Barbosa (2007).

durante o século XIX, pois esse periódico apresenta um número considerável de narrativas de autoria lusitana. Desse modo, verificaremos nessa folha periódica a recorrência dos nomes dos ficcionistas dessa nacionalidade e a relação que esses escritores de além-mar mantêm com o cânone das literaturas portuguesa e brasileira.

## A CIRCULAÇÃO DE PROSA DE FICÇÃO NA *PROVÍNCIA DO PARÁ*

O ano de 1822 está assinalado na história como o marco do fim às relações políticas entre Brasil e Portugal. De fato, a partir do brado da Independência, muitas ações foram tomadas para que o Brasil, colonizado pelo reino lusitano durante mais de três séculos, alcançasse o estatuto de país autônomo. Naturalmente que os laços, vínculos e ligações existentes entre esses dois povos não se desfizeram imediatamente, pois é compreensível que o trânsito de portugueses para o Brasil e do Brasil para Portugal tenha consolidado influências e costumes culturais. Nesse cenário, Belém, cidade localizada ao norte do país, não aceitou desvincular seus laços políticos com a metrópole e permaneceu até 1823 como colônia da terra portuguesa. Além da ligação política, Belém guardou, em sua arquitetura e em grande parte da sua população, os traços lusitanos. Essa influência é marcante na cultura letrada que se consolidou na cidade a partir do século XIX com um vultoso número de periódicos editados por portugueses, a exemplo do *Diário do Gram-Pará* (1853-1892).[4]

Em meio a tantas outras folhas jornalísticas, é relevante também o papel d*A Província do Pará* (1876-1900), fundada por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e Antônio José Lemos. Segundo Carlos Rocque (1976), esse jornal foi o centésimo quadragésimo quinto periódico a ser lançado na capital paraense e o sexto de circulação diária. Assim como o *Diário de Belém, A Província do Pará* ocupa um lugar de destaque na história da imprensa periódica paraense, pois foi o único que circulou na capital por mais de um século. Esse periódico saiu à luz no dia 25 de março de 1876 e, após várias interrupções e recomeços, encerrou definitivamente suas atividades em 2001, quando já estava completamente falido e desacreditado.

N*A Província do Pará*, durante o período oitocentista, havia algumas colunas específicas voltadas unicamente para a publicação de prosa de ficção, como contos, crônicas, novelas, romances, romances-folhetins, lendas e fábulas. Esses gêneros literários eram divulgados, na maioria das vezes, nas seguintes seções: *Folhetim*; *Ciências, Letras e Artes*; *Artes e Letras*; *Miscelânea*; *Variedade*; *Literatura* e *As noites amazônicas*.[5]

4 Fundado pelos portugueses José Joaquim Mendes Cavalleiro e José Rabello Guimarães, o *Diário do Gram-Pará* saiu à luz em 10 de abril de 1853 e, após várias mudanças de proprietários e redatores, veio a perecer em 15 de março de 1892. Inicialmente, foi órgão do Partido Conservador, depois do Partido Católico e, por último, do Partido Nacional. O surgimento dessa folha jornalística representa um marco na história da imprensa paraense, pois foi a primeira a circular diariamente em Belém. Embora se intitulasse apenas como uma folha política, comercial e noticiosa, esse periódico apresentou em suas páginas a divulgação de gêneros literários, como poemas, crônicas, contos e romances. A partir de 1853, portanto, os novos jornais diários que surgiram na capital paraense seguiram o *Diário do Gram-Pará* como modelo e já apresentavam um cunho mais literário e mantinham a coluna *Folhetim* como uma seção fixa.

5 A seção intitulada *As noites amazônicas* é uma variante da coluna *Folhetim*, pois ambas se localizam no rodapé da página do jornal separadas das demais por uma linha horizontal e se destinam a divulgar prosa de ficção. A primeira, no entanto, restringe-se a publicar exclusivamente produções de autores amazônicos.

Em algumas dessas colunas literárias, encontramos inúmeros romances-folhetins ou textos em prosa de ficção, assinados por diversos autores nacionais e estrangeiros (sobretudo franceses, portugueses e espanhóis).[6] Para exemplificarmos, selecionamos apenas os ficcionistas que mais se destacaram, visto que, em razão do grande contingente de narrativas ficcionais divulgadas n*A Província do Pará*, não seria prudente enumerarmos todas neste artigo. Vejamos a tabela a seguir:

Tabela 1: relação de alguns textos em prosa de ficção publicados no jornal *A Província do Pará* assinados por escritores das mais diversas nacionalidades (1876–1900)

| Autores | Nacionalidades | Prosa de ficção |
|---|---|---|
| Condessa Dash – pseudônimo de Condessa Gabrielle-Anne de Courtiras Dash (1804-1872) | Francesa | A marquesa ensanguentada (1876) – romance. |
| Madame Émile de Girardin (1804-1855) | Francesa | Não é bom brincar com a dor (1877) – novela. |
| Alexis Bouvier (1836-1892) | Francesa | Os credores do cadafalso (1881) – romance.<br>A promessa (1893) – conto. |
| Octave Feuillet (1821-1890) | Francesa | História de uma parisiense (1882). |
| Henry Gréville (1842-1902) | Francesa | Dosia (1879) – romance;<br>Consórcio de uma artista (1883) – romance;<br>O marido de Aurette (1892) – romance. |
| Georges Ohnet (1848-1918) | Francesa | A grande marneira (1885) – romance;<br>No fundo do abismo (1899) – romance. |
| Hector Malot (1830-1907) | Francesa | Sem família (1886) – romance;<br>Um susto (1892) – conto;<br>A consciência (1888) – romance;<br>Justiça (1890) – romance. |
| Guy de Maupassant (1850-1893) | Francesa | O pão maldito (1887) – conto;<br>A noite: um pesadelo (1887) – conto;<br>A felicidade (1888) – crônica;<br>Adeus (1888) – crônica;<br>A lua (1888) – conto;<br>A morta (1889) – conto;<br>Uma viúva (1889) – conto;<br>Forte como a fome (1889) – romance;<br>Últimas folhas (1890) – conto;<br>A inútil beleza (1890) – novela;<br>A menina Helena (1891) – conto;<br>O nosso coração (1892) – romance.<br>O rendeiro (1892) – conto;<br>O tio Mongilet (1892) – conto;<br>Uma vendeta (1895) – conto. |
| Xavier de Montépin (1823-1902) | Francesa | As deserdadas (1892-1893) – romance. |
| Ponson du Terrail (1829-1871) | Francesa | O médico vermelho (1894) – romance. |
| Paul Féval (1816-1887) | Francesa | O corcunda (1893-1894) – romance. |

6 A catalogação de todos os textos publicados no jornal *A Província do Pará* entre os anos de 1876 e 1900 foi realizada pela aluna de graduação Sara Vasconcelos Ferreira, durante a vigência do plano de trabalho de Iniciação Científica PIBIC, intitulado *"A leviana: história de um coração"* e outras histórias n*A Província do Pará* (CNPq/2012), vinculado ao projeto de pesquisa "Trajetória literária: a constituição da história cultural em Belém no século XIX" (CNPq/2010-2012), coordenado pela Prof.ª D.ra Germana Maria Araújo Sales.

| Autores | Nacionalidades | Prosa de ficção |
|---|---|---|
| Pinheiro Chagas (1842-1895) | Portuguesa | Notícias do céu (1876) – conto;<br>A caridade e a família (1879) – crônica;<br>Tristezas à beira-mar (1880) – romance;<br>Os esquecidos (1891) – crônica;<br>O revólver (1891) – conto. |
| Eça de Queirós (1845-1900) | Portuguesa | O tocador de realejo (1877) – conto;<br>O Mandarim (1880) – novela;<br>Senhor Diabo (1888) – conto;<br>Padre Sagueiro (1892) – conto;<br>Quinta de frades (1892) – conto;<br>No moinho (1892) – conto;<br>Quatro cartas de amor a Clara (1892) – conto. |
| Alexandre Herculano (1810-1877) | Portuguesa | Saudade (1877) – conto;<br>A sala das Pérolas (1877) – conto;<br>Amor feminil (1879) – conto. |
| Alberto Pimentel (1849-1925) | Portuguesa | Uma dupla lição (1892) – crônica;<br>Recordações de uma matinê infantil (1892) – conto. |
| Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) | Portuguesa | Em casa de Mme. X. (1880) – conto;<br>A mulher do ministro (1880) – conto;<br>A estreia do delegado (1880) – conto;<br>A preceptora (1880) – conto;<br>A lenda do cuco (1881) – lenda;<br>Cartas a Luiza (1886) – carta. |
| Ramalho Ortigão (1836-1915) | Portuguesa | Na Haia (1885) – conto<br>Pelos campos de Holanda (1885) – conto<br>O natal minhoto (1888) – conto |
| Rebelo da Silva (1822-1871) | Portuguesa | A camisa do noivado (1883) – conto. |
| Jaime Séguier (1860-1932) | Portuguesa | A guarda passa (1880) – conto. |
| Moura Cabral (1852-1922) | Portuguesa | O ninho dos pardais (1880) – conto. |
| Artur Lobo d'Ávila (1843-1929) | Portuguesa | Uns casos de consciência (1880) – conto. |
| Alberto Braga (1851-1911) | Portuguesa | Rosita (1879) – conto;<br>O sonho da noviça (1880) – conto;<br>A volta das andorinhas (1880) – conto;<br>A carta (1881) – conto;<br>A carteira de um andarilho (1885) – conto;<br>Tristezas do Mondego (1885) – conto. |
| Bento Moreno – pseudônimo de Francisco Teixeira de Queirós (1848-1919) | Portuguesa | Pastoral (1889) – conto. |
| Manuel Fernández y González (1821-1888) | Espanhola | Lucrécia Borgia (1895-1896) – romance. |
| Ortega y Frias (1825-1883) | Espanhola | O diabo na Corte (1896) – romance. |
| Álvaro Carrillo – pseudônimo de Rafael del Castillo (1830-1908) | Espanhola | Os cavaleiros do amor (1897) – romance. |
| Manuel Juan Diana (1814-1881) | Espanhola | A rua da amargura (1898) – romance. |
| João Marques de Carvalho (1866-1910) | Brasileira | A leviana: história de um coração (1885) – romance;<br>A cereja (1885) – conto;<br>A gruta do amor (1885) – conto;<br>A comédia do amor (1885) – conto;<br>Que bom marido!... (1885) – conto;<br>A fada malévola (1885) – lenda;<br>A rocha do desespero (1885) – lenda;<br>Ao despertar (1887) – conto;<br>No baile do comendador (1889) – conto;<br>Gaivotas (1889) – crônica;<br>Posições (1890) – conto;<br>Conto de Natal (1897) – conto;<br>Um como tantos (1898) – conto;<br>Colisões (1898) – crônica;<br>O fim do mundo (1899) – conto;<br>A neta da cabocla de Ourém (1899) – conto. |

| Autores | Nacionalidades | Prosa de ficção |
|---|---|---|
| Antônio Marques de Carvalho (1867-1915) | Brasileira | Morangos silvestres (1890) – conto;<br>Um vai, outro vem (1890) – conto;<br>Cinco minutos (1890) – conto. |
| Múcio Javrot – pseudônimo de Joaquim Francisco de Mendonça Júnior (?) | Brasileira | Ao pé de um braço (1885) – conto. |
| Luiz Dolzani – pseudônimo de Inglês de Sousa (1853-1918) | Brasileira | O sineiro da matriz (1877) – conto. |
| Paulino de Almeida Brito (1858-1919) | Brasileira | Preta, e basta! (1887) – conto;<br>Um caso original (1887) – conto;<br>O primeiro cliente (1890) – conto;<br>A bomba (1895) – crônica;<br>Fim de uma serenata (1895) – crônica;<br>Uma sessão espírita (1895) – crônica;<br>Caridade heroica (1895) – crônica. |
| José Veríssimo Dias de Matos (1857-1916) | Brasileira | A lavadeira (1899) – conto;<br>O lundum (1899) – conto. |
| Luiz Demétrio Juvenal Tavares (1850-1907) | Brasileira | As duas amigas (1892) – conto;<br>A vapor e a cavalo (1893) – crônica;<br>Caprichos da sorte (1893) – conto;<br>Uma aventura de dois roceiros (1897) – conto;<br>Sabedoria (1898) – conto;<br>O baralho da mãe Carolina (1900) – conto;<br>Uma viagem de bonde (1900) – crônica. |
| Frederico Rhossard (1868-1900) | Brasileira | O colar de rubis (1891) – conto;<br>A missa do galo (1897) – conto. |
| João Pontes de Carvalho (?) | Brasileira | Maria Clara (1887) – novela;<br>Um capricho (1887) – conto;<br>Idealismo (1889) – crônica. |

Os folhetinistas franceses eram os mais frequentes entre os escritores estrangeiros. Nomes como os de Jorge Ohnet, Xavier de Montépin, Hector Malot, Ponson du Terrail e Paul Féval eram muito recorrentes nas páginas do periódico belenense oitocentista. Além de escritores franceses, publicações assinadas por autores de outras nacionalidades também estavam presentes nas páginas d*A Província do Pará*. Entre os portugueses, os que mais se destacaram, sobretudo como contistas, foram Eça de Queirós, Pinheiro Chagas, Alexandre Herculano, Alberto Pimentel, Ramalho Ortigão, Alberto Braga e Maria Amália Vaz de Carvalho. Além desses escritores, foram divulgadas narrativas ficcionais de Rebelo da Silva, Jaime Séguier, Moura Cabral e Artur Lobo d'Ávila. Cada um desses quatro prosadores publicaram um único conto. Ao todo, foram encontrados doze autores de origem lusitana nas páginas d*A Província do Pará*. Esse número demonstra que, embora não sejam tão recorrentes assim como as francesas, narrativas de ficcionistas portugueses foram divulgadas com frequência nesse periódico. Entre os espanhóis, os mais assíduos folhetinistas foram Manuel Fernández y González, Ortega y Frias, Rafael del Castillo e Manuel Juan Diana.

Os escritores brasileiros, geralmente, eram naturais da região amazônica. Embora fossem poucos, contribuíram com textos em prosa de ficção para a imprensa periódica belenense oitocentista, sobretudo com narrativas curtas, divulgadas geralmente em apenas um único fascículo. Marques de Carvalho, Juvenal Tavares, Paulino de Brito,

Múcio Javrot, Antônio de Carvalho, José Veríssimo, Frederico Rhossard e João Pontes de Carvalho são alguns nomes de escritores que aparecem nas páginas d*A Província do Pará*.[7]

## A PROSA DE FICÇÃO PORTUGUESA: ENTRE O JORNAL E AS HISTÓRIAS LITERÁRIAS

Sabemos que os compêndios de história da literatura são instâncias de legitimação e, por conseguinte, apresentam veladamente uma prática de seleção e, sobretudo, de exclusão de autores e obras, se considerarmos que, enquanto apenas alguns poucos conseguiram alcançar um lugar de prestígio no cenário literário nacional, muitos ficaram restritos a uma posição marginal. O cânone da literatura de qualquer país, portanto, representa uma pequena parcela de escritores que se aventuraram pela produção literária, assim também como um número extremamente reduzido de textos que se limitam a um grupo muito diminuto e seleto de leitores.

Nesse sentido, os autores presentes nos compêndios de história da literatura são inseridos no cânone literário, enquanto os ausentes permanecem desconhecidos. A (não)canonização implica, além da avaliação da qualidade estética das obras, diversas consequências mais concretas. Os autores consagrados, de modo geral, desfrutam de um espaço mais privilegiado no cenário literário, pois suas obras são estudadas por diversos críticos e especialistas, que constroem uma extensa e importante fortuna crítica, assim como também as obras desses literatos possuem várias e diferentes edições (para todos os gostos e, sobretudo, para todos os bolsos) e, por conseguinte, podem ser lidas por um público-leitor muito mais amplo e diversificado. Os não-canonizados, em contrapartida, possuem pouco espaço, pois carecem de críticos e especialistas, de referências bibliográficas, de fortuna crítica, de edições para suas obras e, principalmente, de público-leitor. Em alguns casos não muito raros, é difícil encontrarmos até mesmo informações biográficas a respeito de escritores que ficaram à margem do cânone (ano de nascimento e morte, naturalidade, bibliografia, entre outras).

Considerando o caráter inclusivo e excludente das histórias literárias, qual é o lugar de autores como Eça de Queirós, Pinheiro Chagas, Alexandre Herculano, Alberto Pimentel e Maria Amália Vaz de Carvalho na história da literatura portuguesa? Para respondermos essa pergunta, examinaremos dois compêndios desse gênero: a *História da literatura portuguesa*, de António José Saraiva e Óscar Lopes, e *A literatura portuguesa*, de Massaud Moisés.

Na obra de António José Saraiva e Óscar Lopes, quase todos os autores lusitanos cujas narrativas foram divulgadas n*A Província do Pará* foram referidos. Uns, entretanto, receberam capítulos exclusivos para que suas obras pudessem ser discutidas e examinadas, a exemplo de Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Rebelo da Silva, Teixeira de Queirós e Eça de Queirós, enquanto outros, em contrapartida, foram mencionados esparsamente, algumas vezes em meio a um conjunto de escritores sem que houvesse uma análise acurada e particular de sua produção literária, a exemplo de

7 Convém ressaltarmos que n*A Província do Pará* há também a presença de um número considerável de narrativas ficcionais sem autoria ou com autoria não identificada.

Pinheiro Chagas, Alberto Pimentel, Alberto Braga e Maria Amália Vaz de Carvalho.[8] Os únicos que não foram mencionados nem sequer uma única vez são Jaime Séguier, Moura Cabral e Artur Lobo d'Ávila.

No manual de Massaud Moisés, por sua vez, o espaço dado a esses escritores não é muito diferente. Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Rebelo da Silva e Eça de Queirós, por exemplo, são inseridos em capítulos específicos para a apreciação crítica de suas obras, enquanto Pinheiro Chagas somente foi aludido em algumas páginas, mas suas obras não chegaram a ser analisadas literariamente. Maria Amália Vaz de Carvalho, por seu turno, foi mencionada uma única vez, apenas como esposa de Gonçalves Crespo (1846-1883) — poeta nascido no Brasil, porém radicado em Portugal. Assim como ocorre na obra de António José Saraiva e Óscar Lopes, Jaime Séguier, Moura Cabral e Artur Lobo d'Ávila também não chegam a ser mencionados no compêndio de Massaud Moisés. Nesses casos, percebemos que alguns autores continuaram com a mesma hierarquia nas duas histórias literárias lusitanas, mas outros que antes foram pelo menos mencionados na *História da literatura portuguesa* foram completamente excluídos do outro manual. Ao contrário de José Saraiva e Óscar Lopes, Massaud Moisés, por exemplo, não inseriu Alberto Pimentel e Alberto Braga. Convém ressaltamos também que Teixeira de Queirós, embora não tenha sido inserido n*A literatura portuguesa*, não recebeu o mesmo destaque que obteve no compêndio a que nos referimos anteriormente.

Desse modo, podemos afirmar que, embora vários escritores portugueses apareçam nas páginas do periódico belenense oitocentista, apenas Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Rebelo da Silva e Eça de Queirós são referidos nas histórias literárias lusitanas que selecionamos com uma maior frequência, com uma maior relevância e com um tom mais elogioso. Os outros, no entanto, ocupam um espaço periférico nesses manuais ou nem sequer foram inseridos.

Ao estabelecermos um cotejo entre a circulação de narrativas de autoria lusitana n*A Província do Pará* e o discurso presente nos dois compêndios de história da literatura portuguesa que selecionamos para este estudo, é possível verificarmos que periódicos e histórias literárias nem sempre tomam os mesmos caminhos. Amália Vaz de Carvalho, por exemplo, nesses manuais apresenta uma visibilidade microscópica — quase imperceptível na obra de Massaud Moisés —, mas no periódico belenense obteve a divulgação de um número considerável de curtas narrativas ficcionais de sua autoria. Assim como Amália Vaz de Carvalho, Alberto Braga também ganhou evidência no periódico paraense, mas também não esteve em posição privilegiada nas histórias literárias lusitanas.

Até mesmo os autores que receberam um maior destaque nas histórias literárias são vistos por outro aspecto nos jornais. Eça de Queirós, por exemplo, chega a ser

8 A título apenas de exemplo, Alberto Braga e Maria Amália Vaz de Carvalho foram mencionados na *História da literatura portuguesa* em meio a outros autores lusitanos, como Eduardo de Barros Lobo (1857-1893), Luís de Magalhães (1859-1935), Francisco Leite Bastos (1841-1886), Alfredo Possolo Hogan (1830-1865), Gervásio Lobato (1850-1905), Francisco Manuel de Melo Breyner (1837-1903) e Álvaro de Carvalhal (1844-1868). Conforme António José Saraiva e Óscar Lopes, esses escritores são úteis para demonstrar que "a ficção em prosa foi muito cultivada em Portugal nesta época, e não se pode pormenorizar a massa de produções que serve de pedestal às obras mais duradouras" (SARAIVA; LOPES, 1982, p. 964).

mencionado por Massaud Moisés também como contista, mas o historiador inclina-se detidamente para a apreciação crítica da obra de Eça de Queirós pelo viés do romance, debruçando-se especificamente sobre *O crime do padre Amaro* (1885), *O primo Basílio* (1878), *Os Maias* (1888), a *Correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A ilustre casa de Ramires* (1900) e *A cidade e as serras* (1901). NA *Província do Pará*, por sua vez, os contos de Eça, tão pouco apreciados pelos historiadores em questão, foram publicados com uma recorrência considerável, enquanto nessa mesma folha periódica nenhum dos romances queirosianos foram publicados. Desse modo, é possível afirmarmos que jornais e histórias literárias, de modo geral, demonstram versões de um mesmo autor, de tal modo que, em alguns casos, essas versões podem ser completamente distintas, a exemplo de Amália Vaz de Carvalho, Alberto Braga e até mesmo o próprio Eça de Queirós.

É válido considerarmos ainda que o autor do *Crime do padre Amaro*, além de estar presente nas histórias literárias lusitanas, pode ser encontrado facilmente nas páginas de obras desse mesmo gênero que se destinem aos escritores e às obras representantes da literatura brasileira, geralmente como autor que exerceu influência sobre a produção literária de romancistas brasileiros afiliados ao Naturalismo, a exemplo de Aluísio de Azevedo e Inglês de Sousa.

Convém observarmos que, embora no Brasil do século XIX houvesse um discurso nacional que ecoava na literatura, os leitores da capital paraense tinham preferência por escritores estrangeiros. A presença de autores portugueses, ainda que não sejam assim como os franceses tão veiculados em periódicos que circularam por Belém no Oitocentos, demonstram que os leitores belenenses não estavam tão preocupados com a proposta dos nossos escritores brasileiros, que se empenhavam em produzir obras que se distanciassem das portuguesas e que estivessem de acordo com a ideia que possuíam do que fosse uma literatura de verdadeiro caráter nacional.

Qual seria a relação entre o gosto dos leitores e as histórias literárias? Sobre essa questão, Simone Cristina Mendonça (2013) afirma:

> No Brasil, no final do século XIX e início do XX, foram canonizados autores e obras nacionais, excluindo-se grande quantidade de livros lidos pela população, uns importados, vindos da Europa, outros publicados no País. Os leitores e a questão da circulação de livros e das diferentes leituras de obras importadas que compunham o ambiente cultural na época foram deixados de lado. Dessa forma, no processo de constituição de um cânone, muitas vezes foram excluídos os leitores, suas preferências e suas aquisições, que impulsionaram o mercado editorial. (MENDONÇA, 2013, pp. 104-105)

A partir da reflexão proposta, podemos perceber que os leitores exercem uma força que se encontra na contramão dos historiadores. Enquanto estes se detêm ao exame de tão-somente algumas obras, escritas por determinados autores, aqueles leem obras de diferentes gêneros e estilos, produzidas por autores de distintas nacionalidades, sem nenhuma preocupação com o que estipula o cânone. Enquanto os historiadores elegem as melhores obras a partir do critério de identidade nacional, os leitores escolhem o que devem ler pelos mais diversos e distintos motivos, sem nenhuma relação com o projeto de formação de uma literatura legitimamente nacional: entretenimento, curiosidade, nostalgia, prazer, identificação com uma ou várias personagens etc.

Enquanto Simone Cristina Mendonça discute e problematiza a desconsideração do leitor na constituição de um cânone, Márcia Abreu (2013) defende que inserir o gosto dos leitores como uma inquietação para a história da literatura pode proporcionar benefícios para o fenômeno literário:

> Incluir o gosto dos leitores entre as preocupações dos historiadores pode trazer ganhos para a compreensão do passado e da literatura. A concentração sobre a escrita e sobre as obras canonizadas tem pouca força explicativa quando se considera a literatura como fenômeno socialmente relevante e a cultura literária como algo que pertence a milhões e não apenas a uns poucos escolhidos. (ABREU, 2003, p. 184)

A partir das proposições de Simone Cristina Mendonça e Márcia Abreu, concluímos que autores como Pinheiro Chagas, Alberto Pimentel e Maria Amália Vaz de Carvalho, por exemplo, não são hoje figuras de relevo nos compêndios de história da literatura portuguesa, mas suas narrativas ficcionais foram veiculadas nas páginas d*A Província do Pará* e, portanto, estavam ao alcance dos leitores em geral da cidade de Belém durante o Oitocentos. É fato que não temos certeza de que a prosa de ficção de autoria portuguesa nesse periódico foi realmente lida, pois, como bem atesta Michel de Certeau (2013), a leitura, em contraste com o escrito, encontra-se na ordem do efêmero e, por essa razão, raramente deixa marcas, pistas ou vestígios. A recorrência de autores lusitanos, no entanto, nos permite inferir que essas narrativas com efeito foram lidas, visto que a relação estabelecida entre jornal e leitor era muito estreita e comum no século XIX.

Nesse sentido, os historiadores da nossa literatura, de modo geral, desconsideram que as narrativas ficcionais não se restringem a uma circunscrição nacional e, por conseguinte, acabam criando uma versão da história da literatura brasileira circunscrita a uma perspectiva muito restrita, regida por uma ideologia nacionalista e intelectualizada e despreocupada com o gosto dos leitores. Se levassem em consideração o trânsito de prosa de ficção das mais diversas nacionalidades no país, veiculadas nas mais variadas formas de suporte, seria constituída uma narrativa mais condizente com o fenômeno literário que se estabeleceu no Brasil entre os séculos. Naturalmente não é assentada a inserção de autores portugueses para o cânone da nossa literatura, mas avaliamos que seria relevante se eles, assim como outros estrangeiros, fossem incluídos como elementos integrantes do sistema literário brasileiro no Oitocentos, uma vez que, além de terem sido lidos por escritores brasileiros e — consequentemente — terem influenciado o romance produzido no nosso país, contribuíram para impulsionar, a partir da veiculação das suas obras n*A Província do Pará*, o circuito do impresso, da leitura e da literatura na Amazônia do século XIX.

# REFERÊNCIAS BILIOGRÁFICAS

ALENCAR, José. Benção Paterna. In: ____. **Sonhos d'ouro.** 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

ABREU, Márcia. O gosto dos leitores – a recepção de romances como problema para a história literária. In: SALES, Germana Maria Araújo; FURTADO, Marlí Tereza; DAVID, Sérgio Nazar (Orgs.). **Interpretação do texto**: leitura do contexto. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: ____. **A invenção do cotidiano:** 1. Artes de fazer. 20. ed. Tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2013.

DENIS, Ferdinand. **Resumo de história literária do Brasil.** Tradução: Guilhermino César. Porto Alegre: Lima, 1968.

FERREIRA, Sara Vasconcelos. **A prosa de ficção portuguesa no folhetim d'A Província do Pará na década de oitenta do século XIX**, 2013. (Relatório de pesquisa).

FORMIGA, Girlene Marques; SILVA, Fabiana Sena da; BARBOSA, Socorro Pacífico (Orgs.). **Miscelâneas, rodapés e variedades:** antologia de folhetins paraibanos do século XIX. João Pessoa: Ideia, 2007.

GARRETT, Almeida. Bosquejo da história da poesia e língua portuguesa. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. **O berço do cânone:** textos fundadores da história da literatura brasileira. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

HOHLFELDT, Antonio. **Deus escreve direito por linhas tortas:** o romance-folhetim dos jornais de Porto Alegre entre 1850 e 1900. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MENDONÇA, Simone Cristina. Histórias literárias e circulação de narrativas ficcionais: uma reflexão sobre os primeiros livros impressos no Brasil. In: BUENO, Luís; SALES, Germana; AUGUSTI, Valéria (Orgs.). **A tradição literária brasileira:** entre a periferia e o centro. Chapecó: Argos, 2013.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa.** 35. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

NADAF, Yasmin Jamil. **Rodapé das miscelâneas:** o folhetim nos jornais de Mato Grosso (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: 7Letras, 2002.

ROQUE, Carlos. História de A Província do Pará. Belém: Mitograph, 1976.

____. **História geral de Belém e do Grão-Pará.** Belém: Distribel, 2001.

SALES, Germana Maria Araújo. Folhetins: uma prática de leitura no século XIX. **Entrelaces** (UFC), INFORMAR CIDADE, ANO, v. 1, NÚMERO, pp. 44-56, 2007.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Oscar. **História da literatura portuguesa.** 12. ed. Porto: Porto, 1982.